

**O CÓDIGO AHMADINEJAD:  
MESSIANISMO OU REALISMO NA POLÍTICA  
EXTERNA DO IRÃO?**

José Pedro Teixeira Fernandes

Colóquio-debate sobre Política e Relações Internacionais

Livraria Almedina do Arrábida Shopping

24/Novembro/2006

Fui a todos os continentes do mundo, excepto um. Há actualmente uma vaga de interesse pelo povo iraniano [...] O mundo está em vias de se «ahmadinejadizar» a toda a velocidade [...] Nós temos duas missões, construir um Irão islâmico e apresentar um modelo à humanidade [...] Quando contacto outros dirigentes do mundo eles dizem-me que estão em deslocação. Estas deslocações parecem-se com as viagens que eu iniciei na província<sup>1</sup>.

Mamoud Ahmadinejad

---

<sup>1</sup> Cfr. «Le monde se ‘ahmadinejadise’ à toute vitesse, estime Ahmadinejad» in *L'Orient le Jour* (22 Novembro) <http://www.lorientlejour.com/page.aspx?page=article&id=327313>

## Índice

1. O Simbolismo Islâmico da Carta de Mamoud Ahmadinejad a George W. Bush
  - 1.1. Antecedentes de outras cartas célebres no Islão
  - 1.2. O uso estratégico das questões teológicas
  - 1.3. Mamoud Ahmadinejad e o messianismo na tradição islâmica
2. A Geopolítica do Irão (alguns aspectos)
  - 2.1. As fronteiras geográficas
  - 2.2. A memória e a identidade histórica
  - 2.3. A heterogeneidade étnica da população
3. Xiismo, Petróleo e Energia Nuclear: uma mistura potencialmente explosiva

## **1. O Simbolismo Islâmico da Carta de Mamoud Ahmadinejad a George W. Bush**

### **1.1. Antecedentes de outras cartas célebres no Islão**

Em finais de 1988 o *Ayatollah* Khomeini dirigiu a Mikhail Gorbachev, o último Presidente da ex-União Soviética, uma missiva diplomática onde este anunciava o fim do comunismo e o convidava a «olhar seriamente para o Islão», bem como a juntar-se a este.

Ao que tudo indica Khomeini – tal como agora faz Ahmadinejad – pretendeu, com essa carta, realizar um acto de grande simbolismo no contexto do Islão.

Segundo a tradição muçulmana, no Islão em formação do século VII, Maomé terá dirigido ao imperador de Bizâncio (uma das «superpotências» da época), ao rei da Etiópia e a outros governantes, missivas convidando-os a aceitarem a superioridade do Islão, como sendo o caminho certo para a humanidade.

## 1.2. O uso estratégico das questões teológicas

Na carta de 8 de Maio de 2006, Mahmoud Ahmadinejad chama à atenção de George W. Bush (que lhe foi dito seguir os ensinamentos de Jesus Cristo), para o facto de Jesus ser citado no Corão e dos muçulmanos «também acreditarem que foi um dos grandes profetas do Todo-Poderoso».

Esta referência a Jesus Cristo como «um dos grandes profetas do Todo-Poderoso» constitui, evidentemente, uma estratégia de *charme* junto dos cristãos religiosos e/ou sociológicos da Europa e Ocidente. Uma nota curiosa a este propósito. No recente caso da leitura proferida pelo Papa Bento XVI sob o título «*Fé, Razão e a Universidade. Memórias e Reflexões*», na Universidade de Regensburg, na Alemanha, a 12 de Setembro de 2006, e da polémica referência à *jihad* (no sentido guerreiro da palavra) e ao espalhar da fé pela violência<sup>2</sup>, surgiram reacções de protesto em diversos países do mundo muçulmano, incluindo a «europeia» Turquia. Mas, Ahmadinejad foi uma voz algo dissonante do coro de protestos, pois, embora tenha começado por defender o Islão e afirmar a sua superioridade como religião, veio dizer,

---

<sup>2</sup> O Papa Bento XVI citou um diálogo do Imperador Bizantino, Manuel II Paleólogo, que foi escrito provavelmente entre 1394 e 1402, durante o cerco de Constantinopla pelos turcos otomanos.

em seguida, que o Papa Bento XVI foi mal interpretado... Terá sido um acaso? Provavelmente não foi.

Uma outra constatação interessante é que hoje os clássicos argumentos do proselitismo muçulmano (*dawa*) adquiriram uma nova ressonância «multiculturalista», o que é um trunfo, dadas as suas conotações positivas. Por isso, expressões como «Povos do Livro», «religiões do Livro», «Abraão pai fundador comum», etc., são expressões recorrentes nesta retórica discursiva e nos forums de diálogo religioso.

Esta estratégia de *marketing* religioso-político baseia-se em meias-verdades e não ditos sobre assuntos relevantes. Eis alguns dos aspectos mais significativos que normalmente são omitidos:

- i) a negação da natureza divina e da crucificação de Cristo;
- ii) a negação da concepção trinitária de Deus do Cristianismo;
- iii) a concepção do credo cristão como uma deturpação da «verdadeira mensagem», que, em última instância, levará os seus seguidores (ou seja, os cristãos), à perdição e ao inferno.

### **1.3. Mamoud Ahmadinejad e o messianismo na tradição islâmica**

Apesar do actual Presidente do Irão ter uma formação técnica e secularista – é um engenheiro civil, com um doutoramento em engenharia dos transportes e do planeamento, pela Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Teerão – Ahmadinejad tem percurso de activismo islâmico. Segundo a sua biografia oficial, foi fundador e membro da Associação Islâmica dos Estudantes da Faculdade de Ciência e Tecnologia. Antes de ter sido eleito Presidente do Irão, em 2005, foi Presidente da Câmara de Teerão e Governador-Geral da província de Ardabil.

Para além das controvérsias que envolvem Ahmadinejad, nomeadamente as acusações de ter sido uns dos participantes no assalto e tomada de reféns na embaixada americana em Teerão, durante a revolução islâmica – acusação desmentida oficialmente pelo governo iraniano – é o seu discurso político-religioso, com tonalidades messiânicas, que causa mais perplexidade no público ocidental. Por exemplo, na já referida carta este afirmava:

O liberalismo e a democracia de tipo ocidental não foram capazes de ajudar a realizar os ideais da humanidade. Hoje esses dois conceitos falharam. Aqueles que têm visão podem já ouvir os sons do destroçar e queda da ideologia e pensamento dos sistemas democráticos liberais. Nós cada vez mais vemos as pessoas em todo o mundo a convergirem para um mesmo ponto – que é o

Deus Todo-Poderoso.

Mais especificamente, são as relativamente frequentes referências nos discursos de Ahmadinejad ao *mahdi* (ou *mehdi*) e ao seu desejo (e sinais) da sua próxima chegada, que parecem completamente bizarras e destituídas de sentido, quando vistas sobre o prisma ocidental. O caso mais conhecido é o do discurso perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, proferido em Setembro de 2005, que este terminou da seguinte maneira:

Ó Senhor Todo-Poderoso, eu vós peço que antecipeis a chegada do Vosso último enviado, o Prometido [ou seja, o *mahdi*], o ser humano puro e perfeito que trará justiça a este mundo<sup>3</sup>.

Mais tarde, já no Irão, Ahmadinejad terá comentado o seu discurso nas Nações Unidas num encontro com o *Ayatollah* Javadi Amoli, uma das figuras religiosas mais importantes do Irão, afirmado o seguinte:

Senti a atmosfera mudar de repente e durante esses 27 ou 28 minutos os líderes mundiais nem pestanejaram [...] E eles ficaram extasiados [...] Abri-lhes os olhos e os ouvidos para a mensagem da República Islâmica<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Cfr. Scott Person, «Waiting for the rapture in Iran» in *Christian Science Monitor* (21/Dezembro/2005), <http://www.csmonitor.com/2005/1221/p01s04-wome.html>

<sup>4</sup> Cfr. Anton La Guardia, «‘Divine Mission’ driving Iran’s new Leader» in *Daily Telegraph* (14/Janeiro/2006) e Daniel Pipes, *The Mystical Menace of Mamoud Ahmadinejad*, <http://www.danielpipes.org/article/3258>

Para além do carácter especulativo que, naturalmente, existe à volta destas afirmações – e da dificuldade em comprovar a veracidade dos comentários que este terá feito internamente ao seu discurso –, vale a pena recordar que há, de facto, uma importante tradição de messianismo islâmico, na qual se insere o *mahdi*. Esse é o lado mais objectivo e não especulativo desta questão. Na escatologia<sup>5</sup> islâmica este é uma figura redentora, o derradeiro salvador da humanidade. A figura do *mahdi* varia nas tradições do Islão Sunita e do Islão Xiita. Na tradição do Xiismo duodecimano, que é a seguida no Irão, o décimo segundo imã que se ocultou, Muhammad al-Mahdi, voltará a reaparecer, trazendo justiça e paz e espalhando o Islão por todo o mundo. Será ele o *mahdi*. Mas isto não significa, necessariamente, que por Ahmadinejad acreditar no regresso do *mahdi*, se veja a si próprio imbuído de uma missão divina e próximo do «fim dos tempos».

Seja qual for a convicção de Ahmadinejad, a verdade é que a Constituição da República Islâmica do Irão se refere ao *mahdi*, no seu artigo 5º, a propósito da liderança da *umma* –a comunidade dos crentes muçulmanos – e da legitimação do poder político durante sua ausência.

---

<sup>5</sup> A escatologia é constituída pelas teorias ou doutrinas sobre o destino último da humanidade e do mundo, sobre o fim dos tempos e o que restará posteriormente.

## 2. A Geopolítica do Irão (alguns aspectos)

### 2.1. As fronteiras geográficas

Com cerca de 1.650 milhões de km<sup>2</sup> o território do Irão é superior ao território conjunto dos «quatro grandes» da União Europeia: França, Alemanha, Reino Unido e Itália<sup>6</sup>. Tem fronteiras com 7 países (Turquia, Iraque, Arménia, Azerbaijão, Paquistão, Turquemenistão e Afeganistão), o que mostra já as dificuldades (e a tendencial ineficácia) de um bloqueio económico. Tem um largo acesso marítimo ao Golfo Pérsico, incluindo o estreito de Ormuz, desde o delta dos rios Tigre e Eufrates até ao Golfo de Omã, onde faz fronteira com o Paquistão, e, a Norte, o Mar Cáspio<sup>7</sup>, que é um mar interior, rico em hidrocarburetos (petróleo e gás natural).

Em termos comparativos, importa notar que o Iraque – onde também já se levantou uma questão nuclear (em 1981, o reactor nuclear de Osiraq<sup>8</sup> foi destruído por um ataque surpresa da aviação israelita) – tem apenas 440.000 km<sup>2</sup> de superfície (ou seja, é pouco mais de ¼ do território do Irão).

---

<sup>6</sup> Os «quatro grandes» da UE não ultrapassam, em conjunto, o valor de 1.450 milhões de Km<sup>2</sup>.

<sup>7</sup> Se considerarmos também a fronteira marítima do Mar Cáspio, o número de países com os quais o Irão tem vizinhança directa ascende a 9 (inclui também a Rússia e o Cazaquistão).

<sup>8</sup> O nome do reactor ligava a antiga deusa egípcia da morte, Osíris, com o nome do Iraque.

## 2.2. A memória e a identidade histórica

Aqui, o aspecto mais relevante é a antiquíssima tradição imperial e de grande potência herdada dos Império(s) Persa(s). Basta lembrar-mos da Antiguidade Clássica e das guerras entre as cidades-estado gregas, sobretudo Atenas e o Império Persa («Pérsia» é o nome grego dado ao Irão<sup>9</sup>). Estas guerras foram marcantes da cultura helénica e são uma herança incorporada pela cultura ocidental – o episódio mais conhecido é o da Batalha da Maratona, entre gregos e persas no século V A.C.

Num salto histórico para o século XX, o Xá Reza Pahlavi assumiu, de uma maneira bastante óbvia, a tradição imperial persa da Antiguidade. Em 1971, comemorando os 2.500 anos da monarquia no Irão, fundada por Ciro O Grande, fez uma cerimónia grandiosa em Persepólis (o que, em retrospectiva, ironicamente parece ter sido o princípio do fim do regime do Xá).

Apesar da revolução islâmica que depôs o Xá, em 1979, se caracterizar por uma oposição feroz ao seu regime autocrático isto não significa, necessariamente, que a ambição imperial iraniana tenha desaparecido. Pelo

---

<sup>9</sup> Irão significa literalmente «país dos arianos».

contrário, no caso do Irão encontramos até algum um paralelismo como a revolução russa de 1917. Nessa altura, o regime autocrático dos czares foi deposto pelo seu maior inimigo interno: os bolcheviques; todavia, a ambição imperial do novo regime continuou sob a nova fraseologia comunista e ao apela à fraternidade da classe operária (no final dos anos 20 o regime soviético já dominava mais território e população do que o império dos czares...).

No actual Irão, a ambição de potência regional do Xá parece estar a ter continuidade na actual República Islâmica, agora sob um novo discurso ideológico islamista e sob o apelo à fraternidade muçulmana. Isto, depois de ter sido interrompido, nos anos 80<sup>10</sup>, por outro candidato à hegemonia regional, o Iraque de Saddam Hussein...

### **2.3. A heterogeneidade étnica da população**

Um outro aspecto geopolítico importante é o da grande diversidade étnica da população do Irão e dos seus prolongamentos para os Estados vizinhos. Dois casos são, talvez, particularmente relevantes: o caso dos curdos, que tem

---

<sup>10</sup> Da guerra entre o Irão e o Iraque, que decorreu entre 1980 e 1988, terão resultado entre 1,0 a 1,5 milhões de mortos, consoante as diferentes estimativas.

prolongamentos para Turquia, Iraque e Síria; e o caso dos azeris<sup>11</sup> para o Azerbaijão. Os curdos serão 7% a 10% da população do país, conforme as estimativas. E os dos azeris 25% a 30% da população, também conforme as estimativas efectuadas. Isto significa que existirão, pelo menos, cerca de 5 milhões de curdos no Irão; e que existirão também, no mínimo, cerca de 17,5 milhões de azeris (que etnicamente são turcos – os «turcos azeris»).

As implicações geopolíticas desta realidade étnica do Irão são grandes, a nível interno e externo. Por exemplo, a nível externo, no conflito militar que opôs a Arménia ao Azerbaijão sobre a posse do enclave do Nagorno-Karabach – uma região maioritariamente povoada por arménios, que foi administrada pelo Azerbaijão nos tempos ex-União Soviética, por decisão de Joseph Staline –, e que se prolongou até 1994, o Irão apoiou os arménios (que são cristãos), enquanto a Turquia apoiou os azeris (que são etnicamente turcos e muçulmanos xiitas...).

Recentemente, a nível interno, em Maio de 2006, uma caricatura publicada num jornal de Teerão, controlado pelo governo iraniano – que, naturalmente,

---

<sup>11</sup> O «Guia Supremo» do Irão, o *Ayatollah* Ali Khamanei, é de origem azeri. Embora a informação não conste da biografia oficial de Mamoud Ahmadinejad, este tem sido frequentemente mencionado nos *media* como tendo origem azeri.

não foi sobre Maomé – mas ridicularizava os azeris, deu origem a grandes manifestações de protesto nas principais cidades de população azeri, nomeadamente em Tabriz, estando na origem de vários distúrbios e de violência étnica.

### **3. Xiismo, Petróleo e Energia Nuclear: uma mistura potencialmente explosiva**

No Irão, o xiismo duodecimano é largamente dominante, abrangendo cerca de 90% da população. Todavia, em termos históricos, este domínio é mais recente do que se poderia pensar: o Irão só é um país maioritariamente xiita desde o século XVII e o xiismo foi imposto pelos governantes à maioria da população (pela dinastia dos Safávidas, inaugurada no início do século XVI pelo Xá Ismail I que, para o efeito, se apoiou na força militar e no fanatismo religioso dos Kizilbaxes – literalmente «cabeças vermelhas» – do Leste da Anatólia, ou seja da actual Turquia, o que é problemático para o nacionalismo iraniano actual, até porque a corte imperial nessa altura falava sobretudo turco... ).

Um outro aspecto é que os xiitas se tentam apresentar, sobretudo após a revolução iraniana de 1979, como os defensores dos «deserdados» e dos «oprimidos», o que tem fundamento, sobretudo face à hostilidade histórica do Islão sunita, largamente maioritário no conjunto do mundo islâmico. É aliás isto que está na origem da *taqyyia* (camuflagem, dissimulação), como prática instituída no credo muçulmano xiita.

Todavia, ironicamente, a realidade é que no caso específico do Irão dos últimos cinco séculos, os «opressores» são precisamente os xiitas. Por exemplo, a actual Constituição nega à população sunita do país (cerca de 9%, constituída sobretudo por curdos e turcomanos nas regiões fronteiriças do Norte e pelos baloxis, na fronteira Sul) qualquer especificidade religiosa (que os xiitas do Irão reclamam para os xiitas do Iraque<sup>12</sup>...).

A especificidade xiita do Irão se, por um lado, a nível interno, reforça a sua identidade e coesão nacional face aos vizinhos, por outro lado, a nível externo, é, simultaneamente, um trunfo e um obstáculo às suas ambições de potência regional e liderança do mundo muçulmano.

O trunfo é que as populações xiitas existentes no Médio Oriente podem ser usadas para a projecção do influência iraniana no exterior. É o caso do Líbano (35% a 40% da população ou até mais) e do *Hezbollah*, no recente conflito com Israel; é o caso da Arábia Saudita (cerca de 10% da população) é o caso também do Paquistão, cerca de 20% da população xiita. A sua importância é acrescida quando estas populações vivem em territórios ricos

---

<sup>12</sup> No Iraque cerca de 60 % a 65% é muçulmana xiita e entre 32% a 37% é muçulmana sunita.

em petróleo (é o caso dos xiitas da Arábia Saudita, situados nas margens do golfo pérsico). E, obviamente, o caso dos xiitas do Iraque (mais de 60% da população, e da zona petrolífera junto à fronteira Sul do Iraque com o Kuwait). Há ainda o caso do Bahrain, um pequeno arquipélago no golfo pérsico, cuja população é 70% a 80% xiita.

O trunfo xiita adquire maior dimensão na actual conjuntura, marcada pela ascensão da China, da Índia e de outras economias, o que tem provocado uma crescente procura de petróleo (o Irão tem as segundas maiores reservas mundiais) e outras fontes energéticas, como o gás natural. Para além disso, há que ter em conta o esforço de recuperação, feito pela Rússia de Vladimir Putin, da influência regional e mundial perdida com a desintegração da União Soviética. Estes são, naturalmente, factores externos favoráveis, que a diplomacia iraniana tenta reverter a seu favor, para evitar sanções políticas e económicas e retaliações quanto ao seu programa nuclear. Até agora, isso tem sido conseguido com apreciável sucesso.

Em termos de obstáculos, importa notar que as primeiras resistências à sua ambição nuclear começam no próprio mundo muçulmano sunita. Por exemplo, da parte da Arábia Saudita e do Egipto, mas também da Jordânia,

do próprio Paquistão e da Turquia. Isto, apesar do actual, e conjuntural *flirt* entre o governo conservador-islamista da Turquia e o governo iraniano de Ahmadinejad, a que não é estranha a questão curda.

Coincidência ou não, a verdade é que quando a questão nuclear iraniana começou a ocupar a agenda internacional, em 2004, começou também, sensivelmente, por essa mesma altura, a retórica de Ahmadinejad sobre a inexistência do genocídio da população judaica durante a II Guerra Mundial, pelos nazis (que, aliás, o fez já um herói da extrema-direita<sup>13</sup>) e sobre a necessidade de «riscar Israel do mapa».

Num certo sentido, tudo isto é um *déjà vu*: as ambições de poder e de liderança dentro do mundo árabe-islâmico têm, desde a primeira guerra israelo-palestiniana em 1948, levado à instrumentalização sucessiva da causa palestiniana pelos seus «irmãos muçulmanos». O Irão de Ahmadinejad está, à sua maneira, a fazer algo similar ao Egipto de Gamal Abdel Nasser nos anos 50 e 60; à Síria de Hafez el-Assad e a Líbia de Muhammad al-Khadafi anos 70 e 80; e ao Iraque de Saddam Hussein nos anos 80 e 90: ou seja, a

---

<sup>13</sup> E, por diferentes razões diferentes de «combate ao imperialismo», também da extrema-esquerda que mantém ideais revolucionários. Por exemplo, importa recordar que o Presidente Hugo Chavez da Venezuela já visitou duas vezes o Irão...

tentar liderar o mundo muçulmano e a afirmar a sua hegemonia regional. E, tal como no passado, o trunfo nuclear continua a ser uma carta muito ambicionada neste jogo de poder.

Da mesma forma, surgem os inevitáveis desafios à hegemonia dos poderes globais – hoje reduzidos (ao que tudo indica transitoriamente) à «hiperpotência» norte-americana – e a promessa de «solução» do problema palestiniano. Esta parece ser a via que qualquer país muçulmano se vê «obrigado» a seguir, para poder alcançar o almejado prestígio e influência, perdido algures num passado, real ou mítico, de esplendor islâmico.

Por último, importa notar que independentemente da justiça ou injustiça das ambições nucleares do Irão, a questão fundamental é que o mundo actual já tem inúmeras tensões acumuladas com origem em actores estaduais, desde o Mediterrâneo ao Extremo Oriente (Palestina, Iraque, Caxemira, Afeganistão, Taiwan, Coreia do Norte, etc.) e também não estaduais (o caso mais óbvio é o da Al-Qaeda). Neste contexto, desequilíbrios na balança de poderes regionais associados, ou não, a conflitos aparentemente insignificantes, podem ser o rastilho de uma confrontação alargada, de consequências imprevisíveis para toda a humanidade.